

A SEDUÇÃO DOS Birdwat

*O Brasil descobre o turismo
internacional de observação de aves*

Largar a segurança do comércio de minérios pela incerteza de sair cedinho, de madrugada, binóculo em punho, procurando aves no meio da mata para inglês ver, não é exatamente o que se classifica como um ato de sanidade, no mundo dos negócios. Mas foi a opção de Edson Endrigo, que há 10 anos começou a fotografar aves da janela de seu apartamento, na Zona Sul de São Paulo, e hoje é um dos melhores guias de observação de aves do Brasil, além de ter conquistado respeito e espaço em publicações especializadas internacionais, como fotógrafo.

No outro extremo do país, em Manaus (AM), o ornitólogo britânico Andrew Whittaker também vive de olhar passarinhos. Erradicado no Brasil há 17 anos e casado com a brasileira Nadime, Whittaker ocasional-

mente contribui para projetos de pesquisa e acaba de descrever uma nova espécie de gavião. Mas na maior parte do tempo acompanha grupos de aficionados estrangeiros pela Amazônia. Seu público é 99% internacional: europeus, americanos, asiáticos, australianos e africanos do Sul e um ou outro brasileiro.

Um de seus destinos preferidos é Alta Floresta (MT), onde conseguiu avistar 350 espécies de aves em 18 dias, com seu grupo de observadores estrangeiros. E é precisamente lá, num verdadeiro nicho de alta biodiversidade, onde o rio Cristalino deságua no Teles Pires, que a empresária Vitória da Riva Carvalho mantém um hotel com atendimento especial para birdwatchers, como são chamados os observadores de aves, que constituem 60 a 70% dos seus hóspedes. Vitória ofe-

teachers



rece café da manhã antes do sol nascer e mateiros bem treinados. Também mantém um rodízio de guias internacionais, para melhor atender aos turistas estrangeiros. E o melhor de tudo: uma torre de 50 metros no meio da mata, com vários patamares para observação, capaz de abrigar 8 a 10 observadores por vez.

Endrigo, Whittaker e Vitória são pioneiros de visão, num país que mal engatinha no turismo de observação. O Brasil é o segundo do mundo em diversidade de aves, atrás apenas da Colômbia, e na frente do Peru, Equador, Indonésia, Bolívia, Venezuela, China, Índia e México. Tem 1.950 espécies de aves conhecidas, quase 20% do total mundial, e regiões de grande concentração de espécies, como a Mata Atlântica e a própria região do Cristalino. Mas ainda não abriu devidamente as portas para o turismo dos tais birdwatchers. Eles não são visitantes comuns. Viajam com objetivos específicos, munidos de listas com os nomes científicos das aves que pretendem ver, e não se importam em acordar muito cedo ou até passar a noite em claro, desde que não deixem escapar nenhum bater de asas.

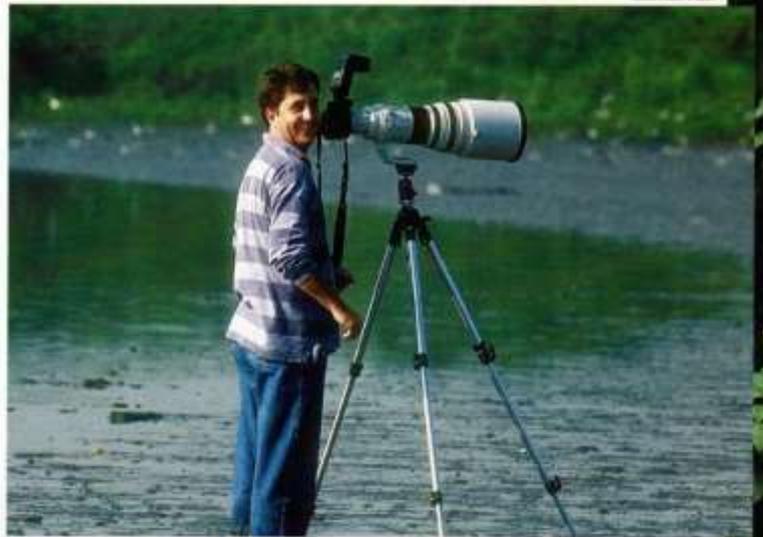
Com exceção das refeições fora de hora, não dão trabalho aos hotéis, pagam bem para alcançar seus objetivos e sabem reconhecer o bom atendimento: além de voltar para

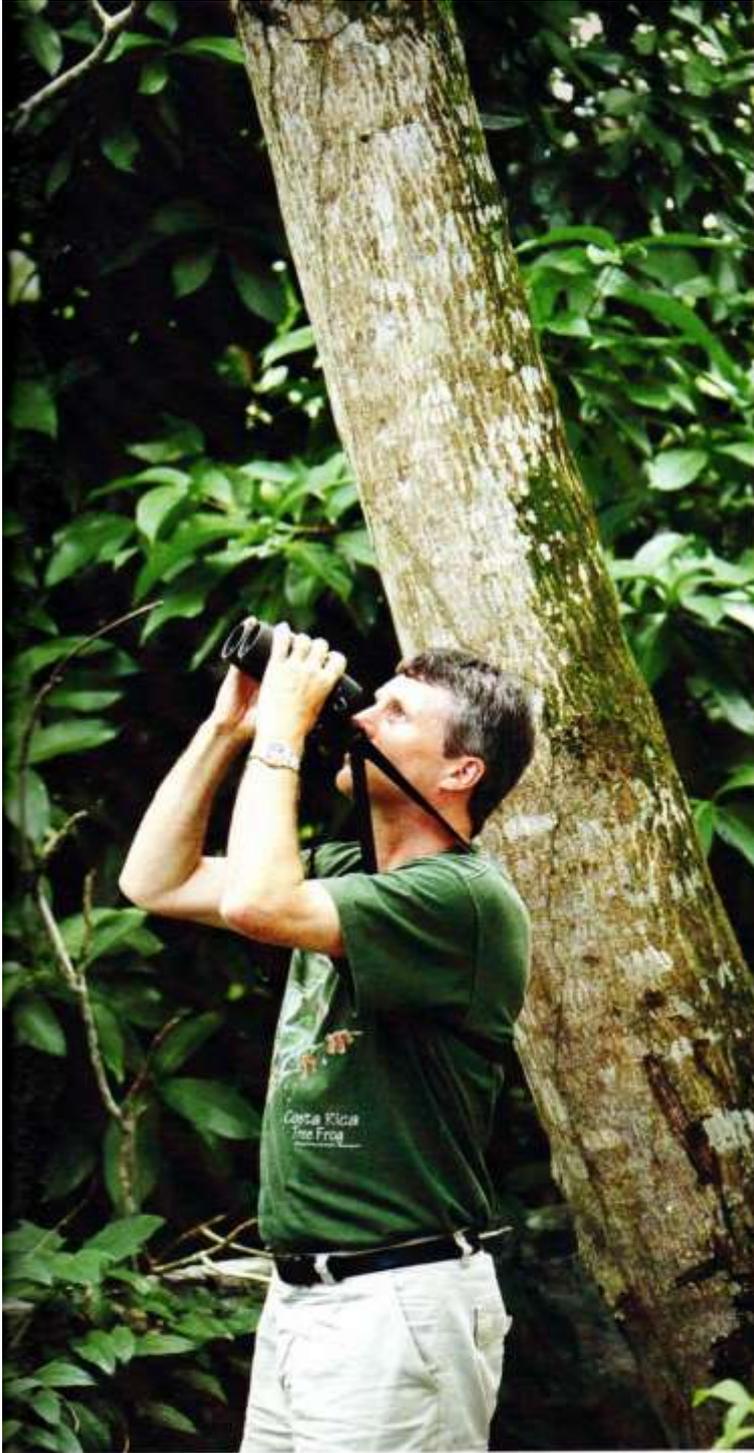
PIONEIROS

Edson Endrigo (ao lado)
e Andrew Whittaker,
guias de observação
de aves



ROBERTO SILVA / E BOLA





*O Brasil é
o segundo
do mundo
em diversidade
de aves*

novos roteiros, fazem doações a projetos de conservação dos ecossistemas ou das aves e divulgam os destinos visitados entre amigos, igualmente dispostos a percorrer milhares de quilômetros só para ver, por alguns segundos, uma espécie ainda não marcada em seus registros.

Para quem acha que é pouco, vale dizer que, nos EUA, existem 46 milhões de birdwatchers, segundo o Serviço Governamental de Pesca e Vida Selvagem (USFWS). Já na Inglaterra, os clubes reúnem cerca de 2 milhões de birdwatchers de carteirinha. Contando também os não afiliados a sociedades, o total de ingleses amantes de aves silvestres soma 20 milhões. Todos consumidores regulares de produtos relacionados a aves.

Apesar de só existirem 270 espécies de aves residentes na Inglaterra – menos do que as 273 catalogadas na Grande São Paulo –, o país recebe cerca de um milhão de turistas especializados por ano, de acordo com a União para a Conservação Mundial (IUCN).

Tamanho potencial valoriza o trabalho pioneiro de guias como Endrigo e Whittaker, mas não torna as jornadas mais fáceis. “Antes de sair com um grupo elaboro o roteiro com cuidado e separo as gravações das espécies de ocorrência nas áreas a serem visitadas. Os grupos têm, no máxi-

mo, 6 pessoas, porque é preciso garantir que todos tenham o mesmo acesso às aves, com qualidade de visualização. As viagens levam em média 15 dias e a agenda é intensa. Não é raro ocorrerem disputas pelo espaço e às vezes preciso acalmar ânimos alterados entre, digamos, um lorde inglês e um vaqueiro norte americano", conta Edson Endrigo, um verdadeiro embaixador das aves brasileiras.

A par de uma logística bem planejada, a mesma paixão dos birdwatchers, que beira o fanatismo, ajuda o guia especializado a superar os maus momentos. Endrigo continua: "já aconteceu de ouvir um pio de uma coruja rara - o caburé-acanelado ou *Aegolius harrisi* - depois do turista francês, que eu acompanhava em Intervalos (SP), ter ido para a cama, exausto. Você acha que eu fui sozinho? Foi só chamar que, num instante, o francês estava de pé, pronto para ver a coruja. E ficamos ainda mais uma hora na mata. Esse foi o terceiro registro dessa espécie em São Paulo, onde ela não era avistada há 60 anos".

A localização das aves, pelos observadores, quase sempre é feita pelo canto emitido. "Por sorte tenho boa memória para as vozes de aves. Sei de cor mais de 200 espécies e, se não souber a espécie, tenho ao menos como reconhecer a família", diz o guia paulista. Ele também tem gravadas, com som digital, boa parte das espécies da Mata Atlântica, o que ajuda a atrair os machos, mesmo dentro da mata fechada. "Muitas espécies são territoriais e respondem ao som vindo do gravador como a um macho intruso.

Os turistas disputam o espaço para observação

Alguns chegam a pousar sobre o gravador, na tentativa de 'investigar' a origem do som. Outros se exibem, procurando garantir a atenção contra a voz invasora, caso do casal de tesoura-do-brejo (*Gubernetes yetapa*), que exhibe uma verdadeira dança no ninho, com movimentos coordenados".

Antes de usar as gravações, porém, é preciso pedir licença ao grupo de turistas. Birdwatchers nem sempre permitem que o guia engane as aves. Também não gostam de perturbá-las com fotos ou qualquer atitude que altere seu comportamento. Preferem observá-las em suas áreas naturais, com a menor interferência possível.

Justamente por oferecer plataformas para uma observação no meio da mata, privilegiada e não invasiva - em várias alturas de sua torre de 50 metros - é que o Hotel de Selva Cristalino, em Alta Floresta (MT), tornou-se o preferido dos birdwatchers nos últimos 3 anos. "Mesmo observadores com mais de 80 anos sobem na torre antes do amanhecer, atrás de aves que cantam antes do sol aparecer", relata a empresária Vitória da Riva Carvalho.

O hotel fica numa Reserva Particular do



CIÊNCIA E ARTE

Tomas Sigrisi põe a arte a serviço da conservação das espécies



Guia dos guias

Entre os 'equipamentos' indispensáveis a qualquer observador de aves – ao lado de um bom binóculo e um gravador – estão os livros de identificação de espécies e guias de campo. Com fotos e/ou ilustrações, nome comum e nome científico mais a descrição de detalhes que diferenciam uma espécie da outra, são imprescindíveis para o reconhecimento das aves observadas e confirmação das listas pessoais, que o birdwatcher preenche com todo cuidado.

Apesar de sua rica biodiversidade, o Brasil ainda é muito pobre em termos de publicações dirigidas a observadores. Os birdwatchers estrangeiros vêm para o país com livretos da Venezuela ou são obrigados a recorrer aos livros científicos. Faltam publicações de consulta fácil e, sobretudo, livretos de bolso, feitos para serem transportadas em campo e fiéis na maneira de retratar os bichos.

Alguns lançamentos recentes preenchem lacunas bem localizadas, como o 'Guia de Campo Aves da Grande São Paulo', com fotos do Edson Endrigo e textos de Pedro F. Develey. Mas ainda não existem publicações abrangentes, dos ecossistemas com mais alta diversidade, como Amazônia ou Mata Atlântica. E é precisamente nestas lacunas que o ilustrador científico Tomas Sigríst pretende investir. Filho de um fruticultor de Valinhos, SP, de origem suíça, Sigríst já desenhava animais aos 7 anos. Mais tarde, já como técnico da indústria química, transformou as ilustrações de aves em hobby. Até que foi obrigado a mudar de profissão, por problemas de saúde ligados à manipulação de plásticos. E acabou trabalhando como ilustrador de artigos científicos sobre aves para o pesquisador Jacques Vielliard, da Universidade Estadual de Campinas.

De 1986 para cá, Sigríst aperfeiçoou as técnicas de ilustração, tendo publicado em diversas revistas científicas. Agora prepara o lançamento do livro de identificação "Aves do Brasil" que reúne material produzido durante os últimos 18

anos, com pranchas de identificação das espécies brasileiras, e de um guia prático que apresenta o turismo de observação ao turista brasileiro, com os primeiros passos, dicas do que levar em trilhas de mata ou de vegetação aberta, como se comportar durante a observação, como se vestir, como gravar as vozes das aves etc. Ainda há planos de desmembrar o 'Aves do Brasil' em guias de bolso regionais, como Guia de Aves da Amazônia, Guia de Aves do Sudeste do Brasil etc.

"Fiz até um teste com o guia prático, levando um grupo de 8 advogados a campo para verificar as principais dificuldades e necessidades de quem é 'novato' em birdwatching", comenta Sigríst. "Esse tipo de turismo de observação tem um grande potencial para sensibilizar as pessoas e trazer para o lado da conservação profissionais competentes para trabalhar em favor da natureza. Temos que melhorar as oportunidades deles conhecerem o Brasil e sua biodiversidade, porque estaremos formando agentes multiplicadores. Aos poucos, então, substituiremos a relação de caça e coleta, que sempre tivemos com os animais, pela satisfação de observar ou fotografar, sabendo que, ao deixar a área, o bicho permanece vivo por lá".

EDSON ENDRIGO





Cientistas por acaso

As viagens frequentes a áreas pouco exploradas, acompanhando os grupos de observadores, costumam colocar os gulos de birdwatching em contato com espécies raras ou pouco conhecidas pelos cientistas. Não é de se estranhar, portanto, que às vezes eles contribuam com registros importantes para a ciência. Em uma de suas viagens ao Vale do Jequitinhonha, em Minas Gerais, o guia e fotógrafo de aves Edson Endrigo capturou a imagem de uma coruja – o mocho-diabo ou *Asio stygius* – ajudando a redesenhar o mapa de sua distribuição no Brasil. Na mesma região, mais tarde, ele também fotografou um pássaro papa-formigas – o formigueiro-do-nordeste ou *Fomicivora iheringi* – igualmente desconhecido naquela área. As informações foram repassadas à Universidade de São Paulo para os devidos registros.

Graças à capacidade de distinguir as variações nas vozes de aves de rapina, Andrew Whittaker também deu sua contribuição à pesquisa, descrevendo uma espécie nova de gavião de floresta, cujo nome propõe que seja *Micrastur mintoni*. Exemplos dessa ave haviam sido coletados e depositados no Museu Emílio Goeldi, em Belém, já em 1905, mas estavam identificadas como uma espécie semelhante, *Micrastur gilvicollis*.

A percepção de que poderia se tratar de uma espécie distinta veio com uma longa gravação do canto da ave, feita no dia 28 de outu-

bro de 1997 por Whittaker, em Caxuanã, no Pará. "Ao amanhecer gravei um canto que não reconheci, embora identificasse com o gênero *Micrastur*, de gaviões-mateiros. Ao reproduzir o canto, consegui atrair o gavião para fazer a observação visual e vi que ele se parecia muito com o *M. gilvicollis*, mas tinha algumas diferenças na plumagem e o canto era bem diferente, então suspeitei de uma espécie nova", conta. "Gravei por mais de 5 horas e, na volta, iniciei a pesquisa em museus de São Paulo, Rio de Janeiro, Belém e no exterior, para confirmar minhas suspeitas. A descrição saiu publicada em dezembro de 2002, no conceituado *The Wilson Bulletin*".

A nova espécie de gavião habita as copas das árvores amazônicas de terra firme, entre o sudoeste do Pará e o nordeste da Bolívia. Tem asas curtas e arredondadas, dorso escuro e peito carijó, com uma máscara laranja nos olhos e uma ou duas listras brancas no meio da cauda. É uma ave de cerca de 30 cm, contando a cauda, e pouco mais de 200 g de peso. Usa três tipos de canto distintos para afastar concorrentes de seu território e como uma espécie de dueto com outra ave. Mas vocaliza somente de madrugada, cerca de meia hora antes do amanhecer, sendo raramente ouvido depois do dia clarear.



Patrimônio Natural (RPPN) de 700 hectares, parte de uma propriedade de 12 mil hectares que também está em processo de transformação em RPPN. A área é contígua ao Parque Estadual do Cristalino, de 184.900 hectares, uma área de transição que compreende floresta de terra firme, floresta estacional, igapó, varjões e afloramentos rochosos, entre o rio Teles Pires (MT), a rodovia Cuiabá-Santarém e a Serra do Cachimbo (PA).

A torre foi presente do ornitólogo americano Chip Haven, da Universidade de Stanford. Dois anos depois de visitar a região do Cristalino e se hospedar lá, incógnito, com um grupo de





*Observadores
fazem doações
para Ongs que
cuidam da
fauna brasileira*

operadores de birdwatching, Haven entrou em contato com Vitória e ofereceu os US\$ 15.000 usados na construção da torre. "Ele disse que o Cristalino era a melhor área de todas que ele visitou, para observação de aves, mas faltava a torre, então doou os recursos necessários e participou ativamente, via internet, da concepção da estrutura e instalação", resume Vitória. A construção foi concluída em 2001. "O último patamar fica acima das copas das árvores e proporciona uma visão única, de espécies que jamais descem para o interior da floresta, um privilégio para os birdwatchers", acrescenta a empresária.

Doações inesperadas, como a torre do Cristalino, são comuns. "Depois de passar uma semana na floresta intocada, observando aves que só existem lá e em nenhuma outra parte do mundo, muitos birdwatchers me perguntam sobre instituições ligadas à conservação

ambiental para fazer doações", observa Andrew Whittaker. "Eles querem referências de organizações sérias, cujo trabalho possa ser divulgado e incentivado".

Como trabalha em áreas remotas

VARIEDADE
Da torre dá para observar melhor a variedade de aves. À esquerda, a nova espécie de gavião *Micrastur mintoni*





Diário de um inglês na Mata Atlântica

Aos 10 anos, muito antes de se formar engenheiro civil, o inglês Ian Merryl já ensaiava os primeiros passeios para observar as aves nas vizinhanças de sua casa. Aos 18, assim que obteve autorização para dirigir, estendeu suas observações para toda a Inglaterra e aos 21 fez sua primeira viagem internacional de birdwatching, para Israel. "Isso realmente vicia: quanto mais lugares você visita, mais quer ver e as possibilidades nunca se esgotam", relata.

Hoje com 36 anos, Merryl já visitou 25 países exclusivamente para observar aves e suas listas ultrapassam 4.300 espécies registradas. O destino mais distante foi a Austrália, literalmente do outro lado do mundo, para quem mora no Reino Unido. "Mas a viagem mais difícil, penosa mesmo, foi para a Antártica a partir de Cidade do Cabo, na África do Sul: passamos uma semana sacudindo num barco, num mar tempestuoso até chegar ao nosso espetacular destino gelado", conta.

No topo de suas melhores observações, Ian Merryl inclui a visão de um albatroz-errante (*Diomedea exulans*), um gigante de 3,5 m de envergadura de asas, planando tranquilo acima do oceano agitado da Austrália, enquanto seus observadores subiam e desciam ondas gigantes, tentando manter o foco na ave. Na opinião do engenheiro birdwatcher: "A fantástica visão do criticamente ameaçado pita (*Pitta gurneyi*) após uma semana andando na floresta da Tailândia, sem ver nada, também foi marcante, mas em nenhum outro país registrei tanta diversidade como na Mata

Atlântica do Brasil: 640 espécies em 3 semanas! É mais do que eu vi em qualquer parte do mundo, em todas as outras viagens!"

Merryl escreveu um diário de 15 páginas sobre os últimos 6 dias de sua estadia no Brasil, em setembro de 2003, quando visitou a Serra do Mar, Ubatuba, Intervalos e Itatiaia. E destaca, em nota à parte, o privilégio de avistar também alguns mamíferos, como a anta, a lontra, a jaguatirica, o tamanduá-bandeira e o lobo-guará.

Em suas palavras:

“... Mal descemos da van quando localizamos na copa das árvores os deslumbrantes saíra-de-lenço e tiê-sangue e o não-tão-deslumbrante tiê-de-topete. Uma larga porteira de madeira e uma cerca alta separam a fazenda Angelim da terra cultivada e, ao entrar pela porteira, abrimos caminho para uma trilha que atravessa a luxuriante e abafada floresta. Sabiá-una é comum e um macho de reneira materializa a poucos metros ...

... À medida em que progredimos, através da clareira e mais à frente na trilha, as verdadeiras habilidades de conjurador-de-pássaros do Edson (Endrigo, o guia) ficam mais e mais evidentes. Seu ouvido apurado extrai o mais breve chamado de uma distante espécie-alvo, antes mesmo da voz ser gravada para uma tentativa de atração com o playback. De forma espantosa, ele regularmente mantém a atenção de duas espécies ao mesmo tempo, algumas vezes assobiando para uma enquanto acio-

na o gravador para a outra ou alternando seguidamente duas gravações...

... antes de atingirmos a porteira acrescentamos um soberbo e estático beija-flor-grande-do-mato, um zidedê e um limpa-folha-coroado à nossa imensa lista. São 13:15 e nós acabamos de ter as melhores 4 horas ininterruptas em qualidade de observação de aves das nossas vidas! Com a cabeça girando ... deixamos Ubatuba para seguir a sinuosa estrada costeira na direção sul. Passando baías protegidas com iates caros ancorados e praias douradas, finalmente viramos para o interior e entramos numa obscura estrada de terra conhecida como Trilha Folha-Seca. Uma pequena parada produz um João-botina!...

... estamos atrás de um dos grandes objetivos dessa viagem, um pássaro endêmico, extremamente raro, tido como extinto até ser reencontrado em 1988 ... reservamos o resto da tarde e a manhã seguinte para continuar nossa busca, se necessário. Seguimos um atalho até algumas moitas e estávamos cerca de dois minutos no local quando um macho de formigueiro-de-cabeça-negra aparece a nossos pés! Ficamos pasmados, não conseguimos acreditar na nossa sorte!!...

...Nossa viagem só cobriu um pequeno canto desse imenso país e nós vamos embora determinados a voltar para visitar mais de seus habitats únicos. Só esperamos que eles se mantenham suficientemente intactos... ”

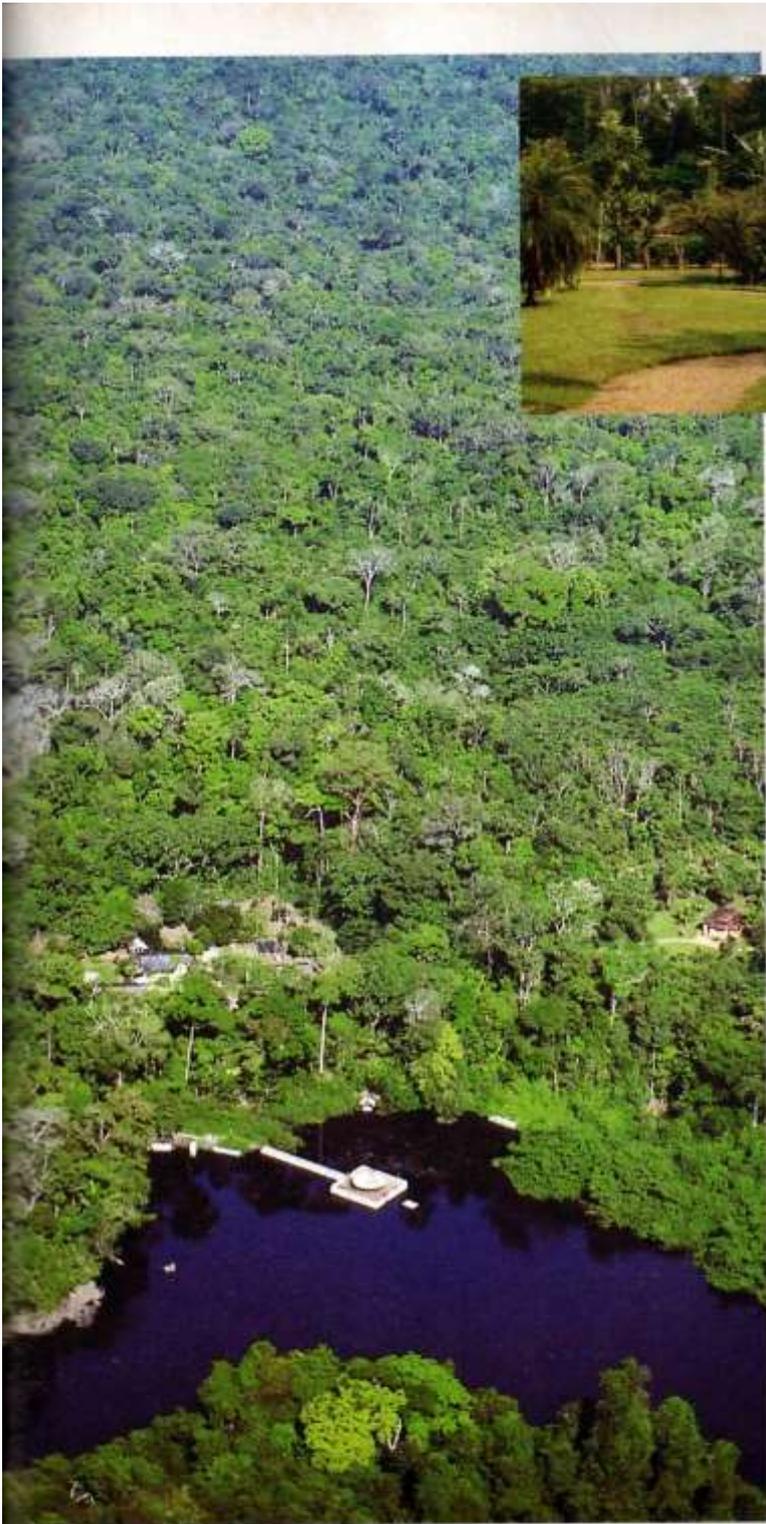


FOTO: OBSERVAÇÃO



ALTA FLORESTA

Recorde de 550 espécies avistadas em 18 dias atrás observadores

da Amazônia, Pantanal, Cerrado e Nordeste, dentro e fora de unidades de conservação, Andy costuma se deparar com caçadores, madeireiros, traficantes e garimpeiros. "Eles não entendem o que fazem aqueles gringos todos na mata, desconfiam de nós", diz. A falta de compreensão se estende a certos fiscais que chegam a hostilizar os grupos. "Falta uma política de turismo ecológico, faltam regras para pedidos de autorização que sejam preto-no-branco. Falta reconhecer a importância do turismo de observação. É uma atividade que traz recursos para o país, emprega gente e não interfere nos ecossistemas", pondera. "E é preciso pensar que, se não tratamos bem esse turista especializado, ele vai para o Peru, Venezuela, Costa Rica, para outros destinos onde existe mais infraestrutura e ele é bem vindo".

| LIANA JOHN |

PARA ADERIR AO BIRDWATCHING

ANDREW WHITTAKER
www.birdingbraziltours.com

EDSON ENDRIGO
www.avesfoto.com.br

TOMAS SIGRIST
www.avisbrasilis.com.br

HOTEL DE SELVA CRISTALINO
www.cristalinolodge.com.br